



LIVRES OU APRISIONADAS/OS? UMA ABORDAGEM SOBRE A CONSTRUÇÃO DE GÊNERO E A SUA INFLUÊNCIA NAS DOENÇAS PSICOSSOCIAIS

FREE OR IMPRISONED? AN APPROACH ON GENDER CONSTRUCTION AND ITS INFLUENCE ON PSYCHOSOCIAL DISEASES

Dione Carla Baldus

Resumo: A pesquisa estuda o processo da construção da identidade e a sua influência na vida psicossocial do indivíduo perante os aspectos relacionados a questões de gênero. A investigação percorre as diversas etapas da vida humana analisando os estímulos comportamentais e comunicativos nas interações sociais. Considera a relevância da influência da escola, da Igreja, dos meios de comunicação, da literatura infantil, dos brinquedos e da música dentro desse processo. O intuito é perceber o quanto a dimensão do papel social e de gênero de mulheres e de homens podem ser estereotipados a partir de um modelo considerado ideal. O estudo pergunta sobre a conexão existente entre essa construção e o desenvolvimento de doenças psicossociais que replicam nas violências e no avanço de doenças. Percorre-se um caminho que objetiva provocar a reflexão sobre o convívio social e suas consequências e, ao mesmo tempo, que quer instigar alternativas que vislumbrem o bem-estar do ser humano.

Palavras-chave: Construção da Identidade. Gênero. Doenças psicossociais.

Abstract: This research focuses on the process of identity construction and its influence on the psychosocial life of the individual as far as gender-related issues are concerned. The study encompasses the various stages of human life by analyzing behavioral and communicative stimuli in social interactions. It considers the relevance of the influence played by the school, the church, the

media, children's literature, toys and music within this process. The goal is to assess how the dimension of the social and gender roles played by both women and men can be stereotyped from a model that is preconceived as an ideal. The study argues about the connection between this construction and the development of psychosocial diseases that replicate in violence and disease progression. We follow a path that aims at reflecting upon social relief and its consequences and, at the same time, at instigating alternatives that envision the overall well-being of the individual.

Keywords: Identity Construction. Genre. Psychosocial diseases.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A temática "Livres ou aprisionadas/os? Uma abordagem sobre a construção de gênero e a sua influência nas doenças psicossociais"¹ visa aprofundar um assunto atual e urgente que está carregado de negação, preconceito e medo, além de ser negligenciado e repellido pela sociedade. A pesquisa investiga como a categoria de gênero influencia a construção da identidade e como esse processo atinge a vida psicossocial do ser humano comprometendo o seu bem-estar e implicando no desenvolvimento de doenças físicas, mentais e emocionais. A pergunta norteadora é: As pessoas estão livres ou aprisionadas na construção de suas identidades a partir da categoria de gênero?

A pesquisa será bibliográfica e documental. E a motivação emerge da realidade de mulheres e homens com as quais me relacionei no trabalho pastoral, em especial, no interior da região Oeste do Paraná. Ciente da violência doméstica camuflada, o alcoolismo normatizado e doenças relacionadas com essas vivências, a pergunta provocativa é pela interação social e como esta pode influenciar a vida das pessoas. Para a compreensão de gênero como uma categoria de análise social o estudo buscou apoio em Joan W. Scott, Mauro Alves da Silva e Ambrozina A. C. Saad. Na perspectiva da influência movida pelo exercício de poder que reafirma papéis sociais e de gênero estereotipadas contribuem Marta Echenique, Guacira L. Louro, Sofia R. Zepeda e Márcia Rovena. Dada realidade reflete na vida psicossocial segundo Friedrich Gierus, Ricardo Westin, Marta Narvaz e Silvia H. Koller. Geraldo J.

¹ O presente estudo é uma síntese do trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Aconselhamento Pastoral e Psicologia orientado pela Pa. Dra. Elaine Neuenfeldt, em 2007.

Ballone, Claudia Ferrão, entre outros, afirmam que a construção da identidade tem conexão com diferentes doenças e coopera com um corpo que experimenta violências e sofrimentos.

COMPREENSÃO DE CONCEITOS E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

A compreensão de 'gênero' como uma categoria de análise social constituída nas relações sociais² permitirá o desenvolvimento da pesquisa para o fim a que se propõe. A par de que a sociedade estabelece modelos sociais denominados de papéis sociais³, conforme seus interesses e necessidades, importa ressaltar que esses papéis são formados a partir de “um conjunto de práticas, símbolos, representações, normas e valores sociais que as sociedades elaboram, continuamente, a partir das diferenças sexuais, anátomo-fisiológicas”.⁴

A forma com que o indivíduo se identifica e quer ser reconhecido socialmente é denominada identidade de gênero, podendo ser considerada como uma elaboração cultural constituída "nas relações sociais de poder, em complexas articulações e em múltiplas instâncias sociais".⁵ O estereótipo social do que é ser homem ou ser mulher é chamado de papel de gênero⁶. Esses modelos e estereótipos limitam o pleno desenvolvimento do ser humano e

² SCOTT, Joan Wallach. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade. Porto Alegre, v. 20, n. 22, p. 71-99, jul/dez. 1995.

³ A "atribuição de papéis tem uma importância enorme na vida, a tal ponto que muitas pessoas, para manterem seus papéis, sacrificam suas emoções, sentimentos e aspirações". CAMPAÑA, Eduardo; MUÑOZ, Mirtha; PROAÑO, Carmen. **Educação sexual e saúde reprodutiva**. Londrina: CLAI, 2003. p. 84.

⁴ SILVA, Mauro Alves da. Gênero, preconceito, estereótipos, sexismo e misoginia. Disponível em: <www.geocities.com/coepdeolho/COE06202.htm>. Acesso em: 17 set. 2006. "Ao classificar sujeitos, toda a sociedade estabelece rótulos que pretendem fixar as identidades". LOURO, Guacira L. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira L. (Org). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, p. 7-34, 1999. p. 16.

⁵ LOURO, Guacira L. **Corpo, escola e identidade**. In: Educação & Realidade, Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul/Faculdade de Educação, v. 25, n. 2, p. 59 -76, jul./dez. 2000. p. 67. "Os conceitos de identidade sexual e de gênero – desde que libertados da dicotomia com que a princípio foram empregados – parecem-me, ainda, instigantes e produtivos, talvez muito especialmente porque, no âmbito da educação, possam contribuir decisivamente para fazer 'aparecer' os corpos aí sempre tão escondidos e suspeitos". p. 73.

⁶ Observa-se que os "únicos comportamentos realmente restritos são os que se referem aos respectivos papéis na reprodução da espécie, enquanto as características secundárias são desenvolvidas pela sociedade". ECHENIQUE, Marta. **Poder e amor**: a micropolítica das relações. São Paulo: Aleph, 1992. p. 70.

trazem consequências negativas sob vários aspectos⁷. A sexualidade é um elemento relevante para essa discussão, pois perpassa as dimensões biológicas, psicológicas, socioculturais e espirituais e "influencia nossos pensamentos, sentimentos, ações, interações e, portanto, influi na nossa saúde física e mental".⁸ Sendo assim, está sob a influência do papel social e de gênero e dos estereótipos construídos e aprendidos dentro de uma sociedade.

A construção da identidade e dos papéis de gênero é considerada um processo complexo, cultural, político e que reflete interesses e necessidades. Compõe-se de uma dinâmica que produz consequências que atingem o indivíduo de forma significativa. Esse processo ocorre desde o ventre materno a partir dos estímulos que a criança recebe. Segue pelo processo de socialização, construção da personalidade e na forma de viver a vida.

O bebê recebe estímulos diferentes conforme o sexo e, assim, desenvolve a fusão e individuação⁹ de forma diferenciada interferindo na formação de sua personalidade. Os estímulos comportamentais sobrevivem de linguagens e modelos sociais. Na sociedade patriarcal, o modelo ideal colocado é o masculino e o feminino é construído a partir dessa referência. Por exemplo: o menino é estimulado à independência, ao poder, à força física, a ocupar lugares abertos e amplos, enquanto a menina é estimulada à dependência, à submissão, à fragilidade física e emocional e à espaços pequenos, fechados, restritos¹⁰.

A sociedade se organiza contemplando esse modelo ao negar e desestimular qualquer outra possibilidade. Observa-se que: na socialização, o menino é iniciado antes da menina; na escola, a arquitetura impõe o jeito de masculino de ser no mundo¹¹; os brinquedos apresentam características de

⁷ ZEPEDA, Sofia Rodríguez. **¿Qué es um estereotipo?** Disponível em: <www.inmujer.df.gob.mx/tem_interes/equidad/estereotipo.html>. Acesso em: 19 set. 2006.

⁸ ROVENA, Márcia. Sexualidade. In: CAMPAÑA, Eduardo; MUÑOZ, Mirtha; PROAÑO, Carmen. **Educação sexual e saúde reprodutiva**. Londrina: CLAI, 2003. p. 149.

⁹ ECHENIQUE, 1992, p. 17.

¹⁰ ECHENIQUE, 1992, p. 45.

¹¹ GONÇALVES, Vinícius P.; FRAGA, Alex B. **A quadra e os cantos: arquitetura de gênero nas práticas corporais escolares**. Disponível em: <<https://www.efdeportes.com/efd87/genero.html>>. Acesso em: 26 maio 2006.

papéis sociais afirmando as diferenças e as relações de poder existentes¹²; nas comunidades cristãs, contemplam-se textos bíblicos que remetem a hierarquia e valorização do homem; nos meios de comunicação constrói-se imagens e discursos explorando o corpo da mulher como objeto, transmitindo a ideia de uma mulher fácil de ser conquistada, frágil, falante e sem liderança social¹³; na literatura infantil os personagens são de homens valentes, fortes, robustos, dominadores, aventureiros, que marcam o seu tempo. Enquanto que as mulheres são frágeis, dependentes, inseguras, pouco inteligentes, ocupadas com a beleza, ineficientes, maternais e estão à espera do príncipe¹⁴; nas músicas, a mulher é retratada como um corpo-objeto, dependente e emocionalmente frágil. Perpetuam-se as imagens de sem-poder, violência e desvalorização da mulher¹⁵.

AS INFLUÊNCIAS E DECORRÊNCIAS DA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE GÊNERO

Considerando que o ser humano concebe sua identidade a partir da interação social, é preciso perceber que as relações sociais são experimentadas a partir de uma relação de poder¹⁶. A opressão social sentida pelos homens é diferente ao ser comparada com a das mulheres. A ele se impõe fortemente o papel de provedor. Quando esse papel não tem sustentação, o homem entra em crise e busca afirmar a sua masculinidade de forma destrutiva através da violência, do alcoolismo e do sexo sem proteção¹⁷. A reflexão sobre a masculinidade na perspectiva de gênero dentro da

¹² DISCURSO crítico e gênero no mundo infantil: brinquedos e a representação de atores sociais. Disponível em: <www.unisul.br/páginas/ensino/pos/linguagem/0403/01.html>. Acesso em: 26 maio 2006.

¹³ FISCHER, Rosa M. B. Mídia e Educação da mulher: uma discussão teórica sobre os modos de enunciar o feminino na TV. **Estudos Feministas**, v. 9, n. 2, p. 586-599, 2º sem. 2001.

¹⁴ ECHENIQUE, 1992, 51.

¹⁵ SAAD, Ambrozina A. C. **Gênero e poder**: "A difícil relação homem-mulher: as vicissitudes do convívio com as diferenças". Disponível em: <www.abp.org.br/artigos/xxcongambrozina.doc>. Acesso em: 31 maio 2006.

¹⁶ ZANELLA, Andréa; PRADO FILHO, Kleber; ABELLA, Sandra. **Relações sociais e poder em um contexto grupal...** Disponível em: <www.scielo.br/pdf/epsic/v8n1/17238.pdf>. Acesso em: 24 mar. 2007.

¹⁷ WESTIN, Ricardo. **Homem vive perigosa crise de identidade**. Disponível em: <www.estaco.com.br/editorias/2006/11/26/ger-1.93.7.20061126.7.1.xml>. Acesso em 05 mar. 2007.

sociedade é relevante, pois o sistema patriarcal também oprime os homens, mesmo que de forma diferenciada¹⁸.

A autoestima, tida como autoimagem do indivíduo, também é experimentada diferentemente por mulheres e homens. Quanto mais negativas forem as imagens vinculadas à pessoa, mais baixa será a sua autoestima¹⁹. A baixa estima está ligada com o desenvolvimento de doenças como: depressão, ansiedade, alcoolismo, fobias. Bem como, facilita a subordinação de gênero, favorece a solidão e fomenta o medo das relações sociais.

As diferentes formas de violência transpõem fatores como: idade, pobreza, gênero, classe social, nível de escolaridade e ocupação profissional. Devido à existência de uma relação de poder exercida entre a pessoa do agressor e a que sofreu a agressão, as vítimas mais frequentes são mulheres e crianças. Isso se deve, em grande parte, a transmissão cultural de papéis estereotipados de gênero que reproduzem a subordinação feminina, banalizam as agressões, minimizam seus efeitos e naturalizam a violência²⁰.

No mercado de trabalho, percebe-se um aumento significativo de mulheres no rol da população economicamente ativa. Contudo, seus salários permanecem inferiores em comparação com os homens, os seus empregos são de baixo prestígio ou do setor terciário da economia e elas enfrentam a dupla ou tripla jornada de trabalho. Esse contexto reflete sutilmente a posição do sexo feminino dentro da sociedade²¹. Também é preciso considerar que a

¹⁸ GÊNERO e políticas de saúde. Disponível em: <www.clam.org.br/publique/cgi/cgilua.exe.sys.start.htm?inoid=1529&sid=43>. Acesso em: 17 set. 2006.

¹⁹ "Toda forma de discriminação a partir do sexo, da raça, da religião, da posição social ou de uma doença induz à timidez e alimenta a falta de autoestima". GIERUS, Friedrich. **Autoestima e timidez – viver sem medo**. In: Roteiro da OASE 2007. São Leopoldo: Sinodal, 2007. p. 36.

²⁰ NARVAZ, Martha G., KOLLER, Silvia H. **Mulheres vítima de violência doméstica: compreendendo subjetividades assujeitadas**. Disponível em: <www.pucrs.br/psico/revistapsico/volume37/P37-1p7-13.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2007.
"A ligação entre violência e gênero é útil para indicar não apenas o envolvimento de mulheres e homens como vítimas e autores/as, mas também o seu envolvimento como sujeitos que buscam firmar, mediante a violência, suas identidades masculinas e femininas". HENTZ, Rosemeri Maria et al. **Violência, gênero e crime na região de Toledo/PR**. Disponível em: <www.unioeste.br/ndp/VIOL%CANCIA,%20G%CANERO%20E%20CRIME.PDF>. Acesso em: 24 mar. 2007.

²¹ MOREIRA, Marilda da Silva. **Assédio Sexual feminino no mundo do trabalho: algumas considerações para reflexão**. Disponível em: <www.ssrevisa.uel.br/c_v4n2_marilda.htm>. Acesso em: 04 out. 2006.

participação da mulher no mercado de trabalho aumentou pela necessidade do próprio mercado, porém esse fator influenciou e dinamizou mudanças significativas na identidade feminina, na queda da fecundidade e na elevação da escolaridade da mulher²².

Quanto à questão relacionada às doenças, é preciso mencionar que o entendimento de que: "a doença poderia ser entendida como uma tradução, no âmbito do corpo biológico individual, das vicissitudes e da trajetória do viver, e esse é um processo sócio-cultural. Isso vai marcar o corpo de formas diferentes e algumas dessas marcas são lidas como doenças".²³ Como os corpos de homens e mulheres sofrem influências diferentes nos seus processos vivenciais, também o aparecimento e desenvolvimento de determinadas doenças, e como as pessoas reagem a elas, serão diferenciadas. O estado emocional tem relevância no tocante às manifestações de determinados tipos de doenças²⁴.

O fator da sexualidade também contribui para uma vida saudável, pois diz respeito à vida como um todo da pessoa, o seu aspecto físico, emocional e psíquico. Sendo assim, a forma com que a pessoa aprendeu a viver a sua sexualidade terá reflexos na sua autoestima e no desenvolvimento de certas doenças²⁵.

A ansiedade para o homem está relacionada à origem psicossocial ou biológica que remete a questão da sua aceitação social²⁶, o que pode gerar facilmente o uso de substâncias psicoativas. Na mulher, preponderante é a violência doméstica²⁷. O fato de que as pessoas mascaram seus sentimentos e evitam relacionamentos sociais mais profundos elevam os índices de depressão. Sendo ela, uma doença que brota da solidão, do estresse, do vazio

²² JONAS, Eliene. **Os direitos das mulheres são direitos humanos**. Disponível em: <www.ubmulheres.org.br/paginas/artigos/eline.html>. Acesso em: 05 mar. 2007.

²³ GÊNERO, 2006.

²⁴ "É no Sistema Límbico que tem início nossa função avaliadora da situação, dos fatos e eventos de vida. Esse modo de avaliação sempre leva em consideração vários elementos, tais como, a personalidade prévia, a experiência vivida, as circunstâncias atuais e normas culturais". BALLONE, Geraldo J. **Imunologia e emoção**. Disponível em: <<http://gballone.sites.com.br/psicossomatica/imuno.html>>. Acesso em: 26 mar. 2007.

²⁵ GÊNERO, 2006.

²⁶ KINRYS, Gustavo; WYGANT, Lisa. **Transtornos de ansiedade em mulheres: gênero influência o tratamento?** Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?scrip=sci_arttext&pid=S1516-44462005000600003&1ng=pt&nrm=iso&t1ng=pt>. Acesso em 26 mar. 2007.

²⁷ KINRYS, Gustavo; WYGANT, Lisa., 2007.

existencial, do pânico e do sentimento de impotência diante das exigências sociais²⁸.

Esses elementos também favorecem a ingestão de bebidas alcoólicas. O consumo é incentivado pela afirmativa de que bebendo se esquece dos problemas e que a bebida ajuda na interação social, além do estímulo dos meios de comunicação²⁹. Geralmente, as mulheres começam a ingerir álcool quando estão passando por momentos de estresse, problemas nos relacionamentos, baixa estima e vergonha do próprio corpo. Enquanto que, para os homens, os fatores estão ligados a questões financeiras e judiciais.

O câncer pode se desenvolver a partir da relação que a pessoa tem consigo mesmo e com o mundo³⁰ e, com frequência, está relacionado com uma disfunção sexual³¹. Outros fatores são: estresse psicossocial, negação e repressão, dissimulação dos sentimentos, traços da personalidade e a maneira como a pessoa reage à vida³². A desesperança é um sentimento presente em pessoas que desenvolveram o câncer. Por outro lado, a forma de encarar a vida pode, inclusive, mudar os efeitos de outros fatores de risco³³. Portanto, "cada corpo pertence a um sujeito, sujeito este de uma história, de uma linguagem que modela suas ações e formas e tem algo a dizer sobre a sua doença, que pode dar-lhe algum sentido".³⁴

O estado emocional influencia a incidência de problemas cardiovasculares³⁵. O estresse social e a ansiedade decorrentes do contexto cada vez mais exigente são os fatores mais influentes. As mulheres que estão no mercado de trabalho tem sido as mais afetadas. O índice é maior em

²⁸ ENGBRECHT, Simone. **Aprendendo a lidar com a depressão**. São Leopoldo: Sinodal, 2001. p. 5-6.

²⁹ GIERUS, 1991, p. 16.

³⁰ BALLONE, Geraldo J. **Câncer e emoções**. Disponível em: <www.portaldopsicologo.com.br/publicações/publicacoes_9.htm>. Acesso em: 01 nov. 2006. "As exigências sociais e psicológicas parecem cada vez mais associadas ao desenvolvimento do câncer".

³¹ BALLONE, Geraldo J. **A disfunção sexual nas pessoas com câncer**. Disponível em: <<http://gballone.sites.uol.com.br/psicossomatica/cancer4.html>>. Acesso em: 26 mar. 2007.

³² BALLONE, 2006.

³³ BALLONE, 2006.

³⁴ FERRÃO, Claudia. **Aspectos psíquicos do paciente com câncer**. Disponível em: <www.portaldopsicologo.com.br/publicacoes/publicacoes_19.html>. Acesso em: 01 nov. 2006.

³⁵ BALLONE, Geraldo J. **Cardiologia e psicossomática: Personalidade tipo A**. Disponível em: <<http://gballone.sites.uol.com.br/psicossomatica/cardiologia3.html>>. Acesso em: 26 mar. 2007.

mulheres com funções executivas e que, simultaneamente, têm atribuições domésticas se comparado a mulheres que não têm afazeres domésticos. E, se comparadas com homens com trabalho externo e com características mais propensas à doença, as mulheres na mesma situação, continuam sendo as mais afetadas³⁶.

Nota-se que a construção da identidade, com enorme influência dos estereótipos dos papéis sociais e de gênero, vinculados a um modelo padrão masculinizado produz indivíduos que acumulam sofrimentos e são atingidos com doenças consideradas graves e que influenciam nos relacionamentos sociais. A própria medicina vem alertando para as consequências decorrentes da interação social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa visou abordar, a partir da categoria de gênero, como a construção da identidade do indivíduo é influenciada pelas interações sociais e como esse processo reflete no âmbito psicossocial. A formação da identidade é moldada desde a infância através da interação que ocorre na família, na escola, nas comunidades, na sociedade. Os meios de comunicação atuam através da mídia, das histórias infantis, dos brinquedos e das músicas. Enfim, há todo um conjunto que influencia a construção da identidade que, automaticamente, reflete nas atitudes e possibilidades que as pessoas vão escolher ao longo de suas vidas.

Observando essa construção, concluiu-se que as pessoas estão presas a um modelo, o masculino, e não se apercebem o quanto replicam esse modelo. Em todos os lugares de aprendizagem e formação, percebe-se um pensamento marcado pela hierarquização de poder, pelo machismo e pela desvalorização da mulher. Há uma roupagem de estereótipos solidificando a imagem da mulher como submissa e dona-de-casa e, do homem, como provedor e sem sentimentos. Tal roupagem é observada, fomentada e solidificada de diferentes maneiras. Percebe-se que esse modelo é transmitido

³⁶ BALLONE, 2007.

de uma forma sutil e silenciosa. Sua prática é negada ou desconsiderada como influência causadora de algum mal.

No entanto, é notório o quanto as relações de poder influenciam e permeiam a vida das pessoas. E, é no corpo que esse poder aparece através das violências, principalmente, dos homens em relação às mulheres. É no corpo que as doenças se desenvolvem quando este sucumbe diante das dores ocasionadas pela discriminação de gênero, das violências e da desvalorização. O resultado é indivíduos aprisionados em costumes, tradições e estereótipos que, no fim, acarretam em prejuízos físico e emocional, provocando grandes atribulações e, inclusive, levando à morte prematura de muitos indivíduos.

Buscar na sociedade espaços de promoção de alteridade, justiça de gênero e equidade caracterizam a valorização da pessoa como ser humano. Tal ação pode alterar os dados sobre a violência, diminuir o desenvolvimento e o agravamento de doenças e proporcionar um convívio social mais humanizado. A sociedade carece de mudanças em seus papéis sociais para prevenir tantos martírios e promover bem-estar e dignidade. Urge compor uma linguagem simbólica plural que perpassasse os espaços de formação do indivíduo valorizando a vida na sua diversidade. Assim, os indivíduos não estarão mais aprisionados em modelos que os limitam, mas terão a oportunidade da liberdade e da vida plena.

REFERÊNCIAS

- BALLONE, Geraldo J. **Câncer e emoções**. Disponível em: <www.portaldopsicologo.com.br/publicações/publicacoes_9.htm>. Acesso em: 01 nov. 2006.
- BALLONE, Geraldo J. **A disfunção sexual nas pessoas com câncer**. Disponível em: <<http://gballone.sites.uol.com.br/psicossomatica/cancer4.html>>. Acesso em: 26 mar. 2007.
- BALLONE, Geraldo J. **Cardiologia e psicossomática: Personalidade tipo A**. Disponível em: <<http://gballone.sites.uol.com.br/psicossomatica/cardiologia3.html>>. Acesso em: 26 mar. 2007.
- BALLONE, Geraldo J. **Imunologia e emoção**. Disponível em: <<http://gballone.sites.com.br/psicossomatica/imuno.html>>. Acesso em: 26 mar. 2007.

CAMPAÑA, Eduardo; MUÑOZ, Mirtha; PROAÑO, Carmen. **Educação sexual e saúde reprodutiva**. Londrina: CLAI, 2003.

DISCURSO crítico e gênero no mundo infantil: brinquedos e a representação de atores sociais. Disponível em: <www.unisul.br/páginas/ensino/pos/linguagem/0403/01.htm>. Acesso em: 26 maio 2006.

ECHENIQUE, Marta. **Poder e amor: a micropolítica das relações**. São Paulo: Aleph, 1992.

ENGBRECHT, Simone. **Aprendendo a lidar com a depressão**. São Leopoldo: Sinodal, 2001.

FERRÃO, Claudia. **Aspectos psíquicos do paciente com câncer**. Disponível em: <www.portaldopsicologo.com.br/publicacoes/publicacoes_19.html>. Acesso em 01 nov. 2006.

FISCHER, Rosa M. B. Mídia e Educação da mulher: uma discussão teórica sobre os modos de enunciar o feminino na TV. **Estudos Feministas**, v. 9, n. 2, p. 586-599, 2º sem. 2001.

GÊNERO e políticas de saúde, disponível em: <www.clam.org.br/publique/cgi/cgilua.exe.sys.start.htm?inoid=1529&sid=43>. Acesso em: 17 set. 2006.

GIERUS, Friedrich. **Auto-estima e timidez – viver sem medo**. In: Roteiro da OASE 2007. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

GONÇALVES, Vinícius P.; FRAGA, Alex B. **A quadra e os cantos: arquitetura de gênero nas práticas corporais escolares**. Disponível em: <<https://www.efdeportes.com/efd87/genero.html>>. Acesso em: 26 maio 2006.

JONAS, Eliene. **Os direitos das mulheres são direitos humanos**. Disponível em: <www.ubmulheres.org.br/paginas/artigos/eline.htm>. Acesso em: 05 mar. 2007

HENTZ, Rosemeri Maria. et al. **Violência, gênero e crime na região de Toledo/PR**. Disponível em: <www.unioeste.br/ndp/VIOL%CANCIA,%20G%CANERO%20E%20CRIME.PDF>. Acesso em: 24 mar. 2007.

KINRYS, Gustavo; WYGANT, Lisa. **Transtornos de ansiedade em mulheres: gênero influência o tratamento?** Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?scrip=sci_arttext&pid=S1516-44462005000600003&1ng=pt&nrm=iso&t1ng=pt>. Acesso em 26 mar. 2007.

LOURO, Guacira L. Corpo, escola e identidade. In: **Educação & Realidade**, Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul/Faculdade de Educação, v. 25, n. 2, p. 59 -76, jul./dez. 2000.

LOURO, Guacira L. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira L. (Org). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, p. 7-34, 1999.

MOREIRA, Marilda da Silva. **Assédio Sexual feminino no mundo do trabalho: algumas considerações para reflexão**. Disponível em: <www.ssrevisa.uel.br/c_v4n2_marilda.htm>. Acesso em: 04 out. 2006.

- NARVAZ, Martha G., KOLLER, Silvia H. **Mulheres vítimas de violência doméstica**: compreendendo subjetividades assujeitadas. Disponível em: <www.pucrs.br/psico/revistapsico/volume37/P37-1p7-13.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2007.
- ROVENA, Márcia. Sexualidade. In: CAMPAÑA, Eduardo; MUÑOZ, Mirtha; PROAÑO, Carmen. **Educação sexual e saúde reprodutiva**. Londrina: CLAI, 2003.
- SAAD, Ambrozina A. C. **Gênero e poder**: "A difícil relação homem-mulher: as vicissitudes do convívio com as diferenças". Disponível em: <www.abp.org.br/artigos/xxcongbrozina.doc>. Acesso em: 31 maio 2006.
- SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 22, p. 71-99, jul/dez. 1995.
- SILVA, Mauro Alves da. **Gênero, preconceito, estereótipos, sexismo e misoginia**. Disponível em: <www.geocities.com/coepdeolho/COE06202.htm>. Acesso em: 17 set. 2006.
- ZANELLA, Andréa; PRADO FILHO, Kleber; ABELLA, Sandra. **Relações sociais e poder em um contexto grupal...** Disponível em: <www.scielo.br/pdf/epsic/v8n1/17238.pdf>. Acesso em: 24 mar. 2007.
- WESTIN, Ricardo. **Homem vive perigosa crise de identidade**. Disponível em: <www.estaco.com.br/editorias/2006/11/26/ger-1.93.7.20061126.7.1.xml>. Acesso em 05 mar. 2007.
- ZEPEDA, Sofia Rodríguez. **¿Qué es um estereotipo?** Disponível em: <www.inmujer.df.gob.mx/tem_interes/equidad/estereotipo.html>. Acesso em: 19 set. 2006.